

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## **Análise da Acessibilidade na Produção Audiovisual: O desenvolvimento do Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas**

ÉRICO VINICIUS MONNERAT LIMA

Professor IESB - Instituto de Educação Superior de Brasília

Doutorando Faculdade de Educação - UnB

ericomonnerat2@gmail.com

BEATRIZ CAMPOS CRUZ

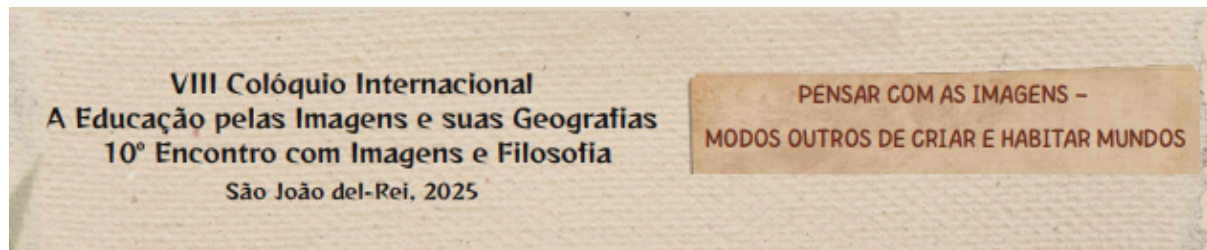
Graduanda IESB - Instituto de Educação Superior de Brasília

e-mail beatriz.campos@iesb.edu.br

### Resumo

O presente trabalho descreve a pesquisa que resultou no "Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas", um projeto que nasceu da prática em sets de filmagem, onde pesquisadores observaram as recorrentes barreiras de comunicação e de representatividade enfrentadas por profissionais surdos no audiovisual. A metodologia adotada para investigar este cenário combinou uma revisão bibliográfica, que constatou a escassez de publicações sobre o tema, com a realização de entrevistas semiestruturadas com 16 profissionais surdos de diversas regiões do Brasil. A análise dos dados revelou obstáculos sistêmicos, como o capacitismo, a falta de acesso a editais de fomento e a necessidade de uma estética audiovisual que considere as especificidades da produção realizada por pessoas surdas, especialmente em Línguas de Sinais. Como resultado, a pesquisa sistematizou as experiências coletadas em um guia com diretrizes práticas e teóricas que oferece ferramentas para a construção de um ambiente audiovisual mais justo e inclusivo. O objetivo é ampliar a presença e o protagonismo dos surdos nos sets de filmagem e, conseqüentemente, fomentar a produção de novas obras, imagens e narrativas audiovisuais criadas a partir de seus próprios olhares e vivências.

Palavras-chave: Produção Audiovisual Acessível; Cultura Surda; Estética da Imagem; Educação Inclusiva; Capacitismo



## **Análise da Acessibilidade na Produção Audiovisual: O desenvolvimento do Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas**

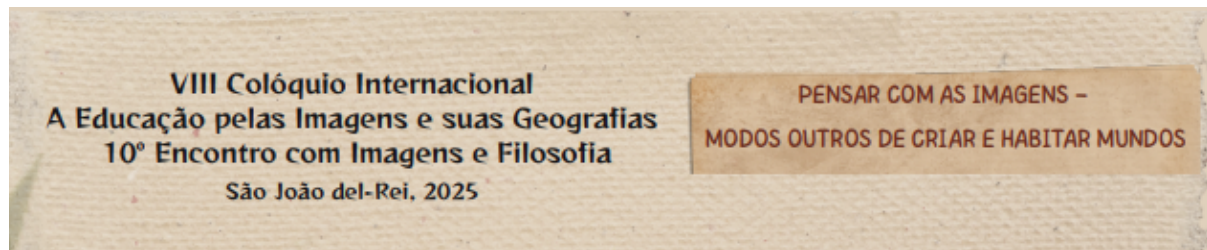
### **Introdução**

A realização audiovisual se estabeleceu como um elemento fundamental na sociedade contemporânea, a escala de produção e divulgação das obras aumenta constantemente, enquanto ainda buscamos compreender como ela nos afeta. A presença ubíqua dos meios de produção e difusão de imagens (SANTAELLA, 2014) nos apresenta oportunidades e desafios. A possibilidade de autoria, de registro das diversas formas de vivência e expressão são únicos na história, deixamos um modelo verticalizado de comunicação, para um espaço muito mais amplo e horizontalizado com a distribuição em múltiplas plataformas, entretanto, essa efervescência técnica e criativa esbarra em desafios estruturais consideráveis, principalmente no que tange à inclusão das Pessoas com Deficiência (PcD) como realizadores.

A análise de dados sobre a inserção desses indivíduos no mercado de trabalho revela um cenário de disparidade que muitas vezes impede o acesso e a participação plena nos espaços de formação e trabalho. Pesquisas da CODEPLAN no Distrito Federal, por exemplo, demonstram uma realidade de acesso desigual: a porcentagem de pessoas com ensino superior era consideravelmente mais elevada entre indivíduos sem deficiência, atingindo 33,8%, em contraste com os 18,7% observados no grupo de PcDs. Outros dados que reforçam os obstáculos, as PcDs possuíam 33% menos chances de estarem empregadas do que a população em geral, com a maior parte dos trabalhadores formais PcD residindo em regiões administrativas de renda média-baixa e com salários menores que a média da população do DF. Estudo do IBGE (2019) aponta que a taxa de participação de pessoas com deficiência auditiva no mercado de trabalho era de 28%, um percentual que representa menos da metade do registrado para pessoas sem deficiência, que era de 66,3%.

Quando ultrapassam essas barreiras sistêmicas, a comunidade surda enfrenta ainda desafios específicos e acentuados para conseguir seu espaço de criação e representação nos meios audiovisuais, historicamente é sub-representada na mídia e, ainda mais, por trás das câmeras, apesar de sua rica cultura e linguagem própria. A falta de referências entre os profissionais, a carência de recursos de acessibilidade em editais de fomento e o capacitismo enraizado são fatores que desestimulam a comunidade surda a se aproximar e se profissionalizar na área audiovisual. Ou seja, parece haver um ciclo de exclusão que começa na educação, atravessa a formação técnica e acadêmica e culmina na dificuldade de inserção no mercado audiovisual.

A experiência de produção no ambiente acadêmico e nos sets de filmagem mostrou a necessidade de intervir nesse cenário e o Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas nasce também da percepção dos autores de como esses fatores se manifestam na

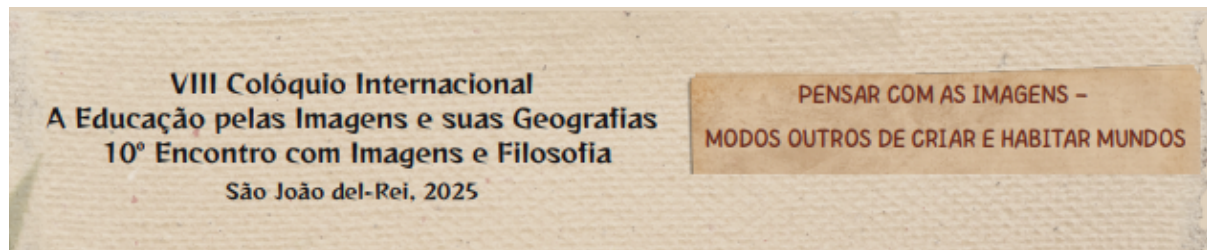


prática. Assim, ele foi concebido como um **dispositivo** com a finalidade de preencher a lacuna de conhecimento e diretrizes sobre o tema, oferecendo um arcabouço teórico e prático para a criação de conteúdo por e para pessoas surdas, alinhando-se assim no contexto letramento multissemióticos e multimidiáticos (ROJO, 2009) e na importância das relações pessoais mediadas por tecnologias (SANTAELLA, 2014; JENKINS, 2009).

## Desenvolvimento

O presente trabalho está alicerçado em uma metodologia de pesquisa mista, combinando revisão de literatura e entrevistas semiestruturadas. A revisão de literatura (CRESWELL, 2010), buscou mapear a produção acadêmica sobre o tema. Foram consultados quatro repositórios de trabalhos acadêmicos: ERIC, Google Acadêmico/Escolar, Scielo e Periódicos Capes. A busca por palavras-chave como “audiovisual surdez”, “surdo cinema” e “deaf production” revelou uma lacuna significativa na literatura, tanto nacional quanto internacional. Por exemplo, na plataforma brasileira Scielo, foram encontrados 222 resultados, mas apenas um se mostrou diretamente relacionado a filmes produzidos por e para surdos. De maneira similar, nos Periódicos Capes, de 1.922 resultados, apenas 10 eram relevantes ao tema. O baixo número de publicações científicas e o conhecimento disperso sobre o assunto indicam a urgência de um estudo como este, que não apenas compila informações, mas também se propõe a ser mais um espaço para reforçar a urgência da discussão sobre espaços mais acessíveis, incluindo aí o espaço das telas. Durante a revisão bibliográfica, foram encontrados alguns guias de acessibilidade que foram tomados como referência, sendo um deles o documento brasileiro (ENAP, 2018), que oferece diretrizes técnicas para a criação de produtos inclusivos e o Accessible Filmmaking, apoiado pela União Europeia e pela ONU, que promove a colaboração entre cineastas e especialistas em acessibilidade desde o início do processo de produção. A integração dessas referências reforçou a necessidade de um guia que tivesse o foco mais direto na acessibilidade para pessoas surdas, com diretrizes práticas e contextualizadas para o cenário brasileiro.

Em complemento à revisão bibliográfica, a pesquisa de campo foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas (BAUER; GASKELL, 2017). O objetivo dessas entrevistas foi compreender as necessidades, experiências, desafios e percepções de profissionais surdos. Foram entrevistadas 16 pessoas surdas, incluindo cineastas, atores, produtores do audiovisual de diferentes regiões do Brasil. Os relatos dos entrevistados expuseram os principais desafios que dificultam a participação ativa no set, destacando os problemas que não se restringem a questões técnicas, mas que se manifestam de forma interpessoal e estrutural. Como exemplo, podemos citar que um dos principais obstáculos é a falta de paciência de profissionais ouvintes para esperar pela interpretação em Libras, levando a uma comunicação acelerada que deslegitima os surdos. Outro problema recorrente é o desrespeito à hierarquia no set quando a liderança é exercida por um profissional surdo. O cineasta Luérgio de Souza, por exemplo, descreveu a frustração de ter suas decisões ignoradas ou modificadas, questionando o preconceito capacitista: "eles parecem se sentir ofendidos. Tipo, não aceitam. 'Um surdo



mandando em mim?" Não aceitam, parece que gostam de se sentirem superiores, sabe?". Essa falta de reconhecimento da autoridade do profissional surdo é um obstáculo que revela a necessidade de conscientização e educação de toda a equipe.

No entanto, as entrevistas também trouxeram soluções criativas e práticas. O diretor Giuliano Robert, por exemplo, mencionou a criação de comandos visuais improvisados para o início e o fim da gravação, substituindo as ordens verbais de "ação" e "corta". Outro ponto crucial apontado foi a necessidade de adaptar o roteiro para uma versão em vídeo em Libras, já que nem todas as pessoas surdas são fluentes em português, como destacou João Gabriel. As entrevistas<sup>1</sup>, assim, não apenas confirmaram a existência dos problemas, mas também ressaltaram a inventividade da comunidade surda em superá-los. A escrita do guia utilizou então os apontamentos trazidos pelos cineastas surdos entrevistados, para um cruzamento com os achados na pesquisa de revisão bibliográfica, de forma a indicar então os tópicos mais relevantes e adaptações possíveis na realidade brasileira para orientar a produção do texto do guia. O texto do guia foi pensado para ser direto e objetivo, facilitando a leitura dos profissionais, possuindo também uma versão em libras<sup>2</sup>. Os cuidados com a inclusão também estão presentes na escolha da equipe, a ilustradora do guia é Amanda de Oliveira, ilustradora que assina como Santa Surda.

A pesquisa aprofundou-se em como a estética audiovisual pode ser adaptada para se tornar genuinamente acessível à comunidade surda, revelando que a produção dirigida por surdos não se trata apenas de uma tradução, mas de uma linguagem cinematográfica com suas próprias prioridades e formas. Na Direção de Fotografia, as escolhas de enquadramento, iluminação e movimento de câmera são cruciais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) depende de cinco parâmetros para ser efetiva: a) configuração de mãos, b) ponto de articulação, c) movimento, d) orientação e e) expressão facial e corporal. Para contemplar esses pontos é necessário que os enquadramentos que capturem do rosto até cintura do personagem, como o plano médio, para que a comunicação seja plenamente visível. A profundidade de campo e a iluminação também são essenciais, conforme o diretor Jacson Vale, "a luz" é importante "por causa da visualização dos sinais, evitando sombras e onde não se vê o que está sinalizando". O figurino e o cenário devem ser pensados para não distrair, priorizando cores sólidas e fundos que proporcionem contraste. O realizador Bruno Frauzino reforça essa ideia: "As cores do fundo precisam combinar para que fique bonito e mais claro para que não tenha distração, veja o personagem principal e chame atenção".

A pesquisa verificou, ainda, aspectos específicos da linguagem audiovisual que emergem da experiência surda. Dois exemplos relevantes foram a substituição de sons por impactos visuais e a percepção tátil do som. O cineasta Luércio de Souza exemplificou a primeira ideia: "é interessante filmar, por exemplo, copo de vidro, quando ele cai, é interessante você filmar o copo quebrando no chão, a imagem, pro surdo sentir o impacto". A imagem, explica ele, funciona como o equivalente sensorial do som. Sobre a percepção tátil, ele destaca que o som não é apenas uma experiência auditiva, mas também de vibração:

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

"Precisa colocar um som grave e alto, porque na hora do cinema eu sinto a vibração pelo chão e na poltrona". A direção de arte também se torna um elemento narrativo fundamental, utilizando cores e simbologias visuais para caracterizar personagens e guiar a narrativa de forma clara. Esses achados demonstram que o audiovisual produzido por surdos possui uma estética própria, que amplifica outros sentidos como destaque para a percepção visual e evocar o tátil como forma de perceber o mundo, o que resulta em uma riqueza narrativa única.

## Conclusões

Os achados da pesquisa evidenciam que a produção audiovisual acessível vai muito além da simples inclusão de recursos de legenda e janela de Libras na fase final do produto. Ela se configura como um processo complexo que demanda repensar o acesso aos ambientes acadêmico, de produção e divulgação de obras audiovisuais. A importância deste projeto reside na sua capacidade de amplificar a presença de pessoas surdas no set, transformando-as de meros objetos de acessibilidade em sujeitos criativos com o potencial de produzir muitas obras e enriquecer o panorama cultural brasileiro. Para isso, a luta continua, como bem sintetizado por Igor Rocha: "Nós estamos lutando para quebrar esse tabu, para mudar isso. O Brasil já começou a mudar. Muitas pessoas com deficiência estão trabalhando. E participar da inclusão, comentar, trocar informações, isso é acessibilidade, isso é ser inclusivo".

---

<sup>1</sup>Entrevistas disponíveis em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLnPvcDIsaVluz7qLyVSRFdLPhG3MRo0U8>

<sup>2</sup> Guia em Libras disponível em: <https://youtu.be/HHjG9oXAKG0?si=wfWnfPuzxW0Yvj19>

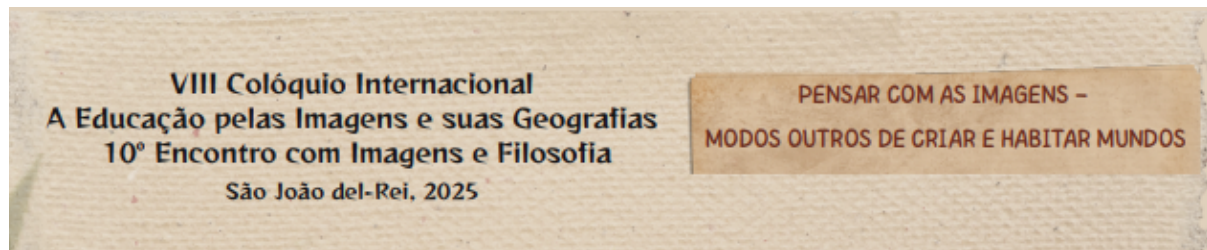
## Referências

ACCESSIBLE FILMMAKING. **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Disponível em: <https://accessiblefilmmaking.wordpress.com/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm). Acesso em: 16 jan. 2024.

CODEPLAN. **Retratos sociais DF 2018**: pessoas com deficiência: perfil demográfico, emprego e deslocamento casa-trabalho. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Retratos-Sociais-DF-201>



[8-Pessoas-com-defici%C3%Aancia-perfil-demogr%C3%A1fico-emprego-e-deslocamento-ca-sa-trabalho.pdf](#). Acesso em: 16 fev. 2024.

CODEPLAN. **Pessoas com deficiência (PCD) e mercado de trabalho no Distrito Federal:** uma análise dos dados da RAIS, PDAD, PED e do IBGE. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/Estudo-Pessoas-com-deficie%C3%Aancia-PcD-e-mercado-de-trabalho-no-DF.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Beatriz Campos & FILHO, Elias do Nascimento Melo. Dificuldades nas aulas remotas de estudantes com surdez em relação à disponibilização de legendas em obras audiovisuais. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2022, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ABED, 2022. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2022/anais/trabalhos/77721.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

CRUZ, Beatriz Campos. **Guia de produção audiovisual:** dirigida por pessoas surdas. 1. ed. Brasília, DF: Ed. da Autora, 2024. 49 f. Orientador: Erico Vinicius Monnerat Lima. Disponível em: <https://inclusivecultura.com/wp-content/uploads/2024/09/guia-web.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ENAP. **Guia para produções audiovisuais acessíveis.** Brasília: ENAP, 2018.

GODOI, E. Aspectos introdutórios à Língua de Sinais: parâmetros da Libras. *In:* **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34957/1/E-book\\_Libras%20%282021%29\\_a\\_p\\_df#page=25](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34957/1/E-book_Libras%20%282021%29_a_p_df#page=25). Acesso em: 26 jan. 2024.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2019. **Pessoas com deficiência.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-pesquisa-nacional-de-saude.html?edicao=28704&t=resultados>. Acesso em: 26 jan. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência:** a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. Tradução: Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.